1. **Subdesenvolvimento e dependência**

**1.1 O que é o subdesenvolvimento**

Para iniciar o estudo do subdesenvolvimento, é essencial que se possa compreender que ele não é uma mera etapa que precede o desenvolvimento ou um atraso econômico, ele não é uma simples questão de reprodução de um modelo de crescimento de algum país central para que possa se superar este status, não podemos enxergá-lo como uma fase “pré-desenvolvimento”. O subdesenvolvimento é uma conjuntura complexa, resultado da dinâmica da expansão das economias capitalistas, como bem afirmou Furtado (1967) é “um processo histórico autônomo e não uma etapa pela qual tenham, necessariamente passado as economias que já alcançaram grau superior de desenvolvimento” .

Os conceitos de subdesenvolvimento, desenvolvimento e dependência estão intrinsecamente ligados, como engrenagens de uma máquina que, ao se moverem, ocasionam movimento umas nas outras. Isto porque as formas de produção capitalistas e não capitalistas que definem este fenômeno, não são independentes entre si, e sim interligadas, com tendência à perpetuação dos elementos pré-capitalistas. Ambos os fenômenos são partes integrantes de um mesmo sistema complexo que para ser compreendido, precisa ser abordado em sua totalidade.

O subdesenvolvimento pode ser entendido como um desequilíbrio ao nível dos fatores de produção, onde a classe trabalhadora não consegue ter acesso a distribuição do excedente gerado. Em vez disso, o que é observado é a apropriação de uma pequena elite, que o utiliza a fim de mimetizar os padrões de consumo dos países centrais. Plínio Sampaio Júnior faz uma analogia que explicita bem a diferenciação da apropriação do excedente nas economias:

“Usando uma figura de linguagem, poderíamos dizer que nas economias desenvolvidas o impacto da acumulação de capital sobre o processo de mercantilização tem efeito semelhante ao das vibrações de um abalo sísmico, que se propagam em todas as direções, até esgotarem sua força transformadora. Já nas economias subdesenvolvidas, o processo de mercantilização tende a exaurir-se no seu ponto inicial, como um pião que gira intensamente sobre seu próprio eixo, sem projetar-se para novos espaços”.

Assim, o que se encontra nas economias subdesenvolvidas é a coerção da constituição de um mercado interno, favorecendo a concentração de renda, o aprofundamento das desigualdades sociais e reforçando suas estruturas pré-capitalistas.

**1.2 Raízes históricas do subdesenvolvimentos**

Em “Teoria e política do desenvolvimento econômico", Furtado discorre sobre três linhas de expansão da economia industrial europeia que pautaram o desenvolvimento econômico subsequente em quase todas as regiões da terra, sendo:

1. Dentro da própria Europa Ocidental, assumindo a “forma de desorganização da economia artesanal pré-capitalista” (Furtado, 1967. p.141);
2. Deslocação para além de suas fronteiras, para terras desocupadas com características semelhantes a da própria europa;
3. A terceira, que teria dado origem ao subdesenvolvimento, segundo Furtado, foi aquela feita para Regiões já ocupadas, algumas delas densamente povoadas, com sistemas econômicos seculares, de variados tipos, mas todos de natureza pré-capitalista, foi principalmente em direção aos países colonizados anteriormente. Esta expansão não se fez de maneira uniforme. Em alguns casos, o interesse limitou-se à abertura de linhas de comércio. Em outros, houve desde o início, o desejo de fomentar a produção de matérias-primas, cujo a procura crescia nos centros industriais.O que se pode observar é o produto desta interação foi, de maneira geral, a criação de estruturas dualistas, uma que se organizava segundo as formas de produção capitalistas e outra mais arcaica. **Esse tipo de estrutura sócio-econômica dualista está na origem do fenômeno do subdesenvolvimento.**  (Furtado, 1967).

Assim, torna-se evidente que os países atualmente classificados como subdesenvolvidos não estão nessa condição devido a mero atraso, à falta de recursos cruciais, ausência de uma vocação econômica como geralmente se argumenta ao se tentar explicar essa conjuntura. Ao contrário, eles têm um uma origem comum de exploração e de relação com as economias centrais, e que ainda hoje continuam a ter seus interesses subjugados aos países dominantes de diferentes formas.

Furtado disseca ainda mais o que seria essa origem comum, na sua obra “O mito do desenvolvimento econômico”:

“O ponto de origem do subdesenvolvimento são os aumentos de produtividade do trabalho engendrados pela simples realocação de recursos visando a obter vantagens comparativas estáticas no comércio Internacional. O progresso técnico - tanto sob a forma de adoção de métodos produtivos mais eficientes como sob a forma de introdução de novas produtos destinados ao consumo - e a correspondente aceleração no processo de acumulação (ocorridos principalmente na Inglaterra durante o século antes referendo) permitiram que em outras áreas crescesse significativamente a produtividade do trabalho, como fruto da especialização geográfica. Este último tipo de incremento de produtividade pode ter lugar sem modificações maiores nas técnicas de produção, como ocorreu nas regiões especializadas em agricultura tropical, ou mediante importantes avanços técnicos no quadro de "enclaves", como foi o caso daquelas regiões que se especializam na exportação de matérias primas minerais. A inserção de uma agricultura num sistema mais amplo de divisão social do trabalho, ou seja, transformação de uma agricultura de subsistência em agricultura comercial, não significa necessariamente abandonar os métodos tradicionais de produção. Mas, se essa transformação se faz através do comércio exterior, os incrementos de produtividade econômica podem ser consideráveis. Certo, o excedente adicional, assim criado, pode permanecer no exterior em sua quase totalidade, o que constitui a situação típica das economias coloniais. Nos casos em que esse excedente foi parcialmente apropriado do interior, seu principal destino consistiu em financiar uma rápida diversificação dos hábitos de consumo das classes dirigentes, mediante a importação de novos artigos. Este uso particular do excedente adicional deu origem às formações sociais atualmente identificadas como economias subdesenvolvidas.” (Furtado, 1974)

Portanto, o subdesenvolvimento teria origem naquelas nações cujo onde o processo de acumulação de capital foi feito em favor do comércio exterior e o excedente retido no país foi majoritariamente apropriado por uma pequena elite pertencente à classe dominante, que o utilizava para a reprodução dos padrões de consumo dos países capitalistas, perpetuando as disparidades econômicas e sociais observadas nas economias subdesenvolvidas.

**1.3 Aspectos gerais do subdesenvolvimento e seus desdobramentos na América Latina**

Para Furtado, as transformações que lideram os rumos do desenvolvimento da economia mundial estão ordenadas em torno de dois processos: acumulação de capital e comércio internacional. Na América Latina, estes dois processos andaram juntos em uma relação de complementaridade, onde o comércio exterior favorecia a acumulação de capital em benefício dos países centrais.

A teoria neoclássica enxerga o comércio exterior como portador de três papéis principais: (a) fator de elevação de produtividade e especialização, mediante a expansão dos mercados, (b) força motora que seria capaz de promover transformações estruturais e (c) canal de transmissão do progresso técnico.

No entanto, o que podemos observar nas economias periféricas, especialmente na América Latina, foi que o comércio exterior foi protagonista de uma transferência de riqueza e concentração de renda em favor dos países centrais através da deterioração dos termos de troca e do controle do capital estrangeiro sobre as atividades nacionais.

As economias latino americanas historicamente contam com comércio exterior no centro de suas atividades produtivas, visto que a elas foi atribuída uma vocação natural exportadora de produtos primários. Não se pode esquecer que esses países têm origens coloniais, por séculos existiam apenas para atender os interesses de suas metrópoles. Assim, mesmo após suas independências, não foi possível desvincular-se dos interesses estrangeiros pois suas economias nacionais continuaram ancoradas nas atividades exportadoras, uma herança colonial que perpetuou a transferência de capital para os países centrais desde as suas formações.

Dado a centralidade da atividade exportadora nesses países, a difusão de tecnologia costuma ocorrer principalmente através do contato com o comércio internacional. Assim, o que se observa nessas economias é a existência de dois setores: o avançado, onde já é possível observar a difusão da forma capitalista de produção, geralmente ligado ao comércio exterior, e o atrasado, onde perduram as formas de produção pré-capitalistas. Nas economias subdesenvolvidas esses setores não operam de forma independente, eles compõem uma mesma estrutura, sendo mutuamente dependentes entre si.

Após o fim da II Guerra Mundial, o comércio internacional passou por mudanças profundas. A exportação de matérias primas estava enfrentando uma diminuição da importância do seu papel na economia global, os modelos de industrialização por substituição de importação estavam enfrentando um esgotamento e nos países centrais formavam-se grandes corporações que precisavam de novas formas de expandir seus mercados. Assim, formou-se um cenário favorável para a expansão das empresas transnacionais, alinhando-se com a convergência de dois interesses: o desejo dos países periféricos em intensificar seus projetos de industrialização e o dos grupos internacionais de preservar e expandir seus mercados nesses países. A cooperação dos grupos internacionais foi importante pois permitiu acesso a tecnologias antes presentes somente nos países centrais, permitindo aos periféricos acesso a estas através da instalação das empresas filiais.

No entanto, havia uma face perversa dessa nova dinâmica de comércio: o aprofundamento do controle por interesses externos das economias nacionais. A nova industrialização se fez principalmente sob o controle estrangeiro e intimamente integrada com as importações. (Furtado.1976). A presença das empresas transnacionais implica em um aprofundamento intenso das relações de dependência da indústria nacional com a tecnologia externa, uma vez que já partindo de uma situação inicial de atraso tecnológico, e sem possuir uma iniciativa de desenvolvimento próprio de suas técnicas industriais, com a modernização das técnicas, que acontecem em um ritmo cada vez mais acelerado, a única forma de ter acesso rápido a essas tecnologias seria através da empresa transacional, reafirmando essa dependência de maneira cíclica (Hadler. 2009).

Outro fator funesto da transnacionalização é a apropriação do capital gerado. Os grupos internacionais representam interesses estrangeiros, e remetem seus lucros a suas matrizes, localizadas nas economias centrais. Ao transferirem quase todo, senão todo o excedente, impede-se a sua apropriação pelas classes trabalhadoras, assim não há uma elevação de renda decorrente da melhora da produtividade, não há uma expansão do mercado interno, e sim um movimento de contração de renda e piora das condições de vida da população geral. Além disso, a transnacionalização da economia não implica em um controle estrangeiro somente dos meios de produção, mas também da reprodução dos padrões de consumo dos países centrais.

Dessa forma, a centralidade do comércio exterior nas economias latino americanas se aprofunda-se a cada dia, e os laços de dependência financeira, tecnológica e cultural são cada vez mais apertados. A perspectiva de um desenvolvimento autônomo, liderado por um estado nacional, orientado por interesses próprios, torna-se cada vez mais distante.